



Desde os recentes e bem-sucedidos processos de democratização em Portugal e no Brasil, os estudos das relações culturais luso-brasileiras têm sido um tema recorrente das investigações acadêmicas de ambos os lados do Atlântico. Portugal abandonou um longo isolamento geopolítico em 1974, ingressou na Comunidade Europeia na década seguinte e, em paralelo com o fim da Guerra Fria, estabeleceu um novo e necessário tipo de relacionamento diplomático e cultural com os países de língua portuguesa. Por sua vez, o Brasil, um país gigante com fronteiras com o mar e com o castelhano, passou a liderar os processos de integração latino-americanos e, desde os primeiros anos deste século XXI, começa a exigir uma maior participação no cenário internacional. A isso, haverá que acrescentar a significativa mudança nos fluxos migratórios, que fez com que Portugal deixasse de ser, sobretudo, um país exportador de mão-de-obra, para começar a receber migrantes africanos, europeus e, de modo muito especial, brasileiros.

Nesses últimos decênios, ao tempo em que as universidades luso-brasileiras ganharam peso internacional e ampliaram, de modo especial no vasto âmbito das Humanidades, seus anteriormente prioritários interesses nacionais – História Nacional, Literatura Nacional, etc. –, questões e perguntas relativas ao magno e variado espaço luso-brasileiro começaram a ganhar um assinalável peso acadêmico e curricular. Os denominados *Post-colonial Studies* e os *Transatlantic Studies* propiciaram uma revisão dos cânones literários e dos discursos da interação cultural entre o antigo Reino de Portugal e as suas colônias, com especial ênfase na América Portuguesa. As pesquisas sobre o longo século XIX, inicialmente focadas na criação e na consolidação das entidades nacionais em consonância com os discursos das elites hegemônicas, ao ampliarem os seus objetivos, propiciaram a eclosão de pesquisas comparadas com uma visão sociocultural mais abrangente. Durante o século XX, a retórica diplomática impregnou as relações luso-brasileiras, chegando a invadir as publicações acadêmicas, porém, ao mesmo tempo, começaram a surgir, com certa regularidade, inúmeros congressos, encontros, intercâmbios e publicações que semearam perguntas, propostas e polêmicas sobre as quais os atuais pesquisadores se debruçam.

Os textos que compõem este volume expressam as efetivas relações entre Portugal e Brasil, agrupando-se pelas seções que orientam a revista *Navegações* desde seu lançamento. A seção “Ensaio” engloba textos sobre autores e temas de Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. “Literatura Brasileira” abre com um ensaio de Antonio Dimas, da USP, estudioso sempre informado sobre os acervos menos conhecidos do Brasil, que apresenta, com escolhidos exemplos relativos às relações entre Gilberto Freyre e Fidelino de Figueiredo, o rico fundo epistolar de intelectuais luso-brasileiros que se conserva em São Paulo. Álvaro Santos Simões Júnior, da Universidade Estadual Paulista / Assis, considera no seu trabalho o contexto cultural em que se publicaram os primeiros livros simbolistas de Cruz e Sousa, *Missal* e *Broquéis* (1893), para entender a modesta repercussão desse movimento literário no Brasil. Enrique Rodrigues-Moura, da Universidade de Göttingen, parte dos elogios poéticos que Manoel Botelho de Oliveira e Gregório de Matos dedicaram ao novo astrolábio de Valentim Estancel, para examinar as relações entre as artes liberais e as artes mecânicas. O atento conhecedor

dos arquivos luso-brasileiros, Francisco Topa, da Universidade do Porto, apresenta o desconhecido poeta Cláudio Grugel do Amaral e dá conta das linhas orientadoras da sua obra poética. Márcia Almada, da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, examina a recepção plástica no Brasil setecentista, no âmbito dos livros de compromisso das irmandades leigas, do manual de caligrafia de Manoel de Andrade de Figueiredo: *Nova escola para aprender a ler, escrever e contar* (1722). Margarida Gouveia, da Universidade dos Açores, analisa os juízos de valor sobre reconhecidos poetas e ficcionistas portugueses que aparecem nas crônicas e ensaios de José Lins do Rego, Nathália Macêdo, da Universidade de Lisboa, analisa o conhecido romance de Ana Miranda, *Boca do Inferno* (1989).

A seção “Literatura Portuguesa” privilegia um conjunto de estudos sobre o *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851 a 1932) e outras publicações periódicas. Vania Chaves, da Universidade de Lisboa, abre a seção com um texto sobre a importância da colaboração feminina nessa publicação, menor em número do que a dos homens, mas não menos variada quanto a deles. Laura Areias, do CLEPUL, focaliza a sua contribuição em alguns perfis femininos e destaca a preponderância de um olhar masculino na apreciação do sistema de valores dessas mulheres. Maria Manuela Lourenço, do CLEPUL, verifica no seu estudo que a colaboração feminina no século XIX deu prioridade a uma poesia confessional, reflexiva, circunstancial ou até metaliterária e evitou os temas políticos ou sociais. Ana Patrícia Santos, também do CLEPUL, incidiu no levantamento das autoras que aparecem vinculadas a localidades situadas na África. Ainda integram essa seção, com temas variados, Maria Aparecida Ribeiro, da Universidade de Coimbra, que comenta as notícias sobre o Brasil, divulgadas na revista portuguesa *O Panorama*, entre 1837 e 1868; Teresa Martins Marques, do CLEPUL, que aborda a presença de duas personagens brasileiras na ficção portuguesa, concretamente, em textos de José Rodrigues Miguéis e David Mourão-Ferreira e Petar Petrov, da Universidade do Algarve, que compara alguns tópicos temáticos relativos à repressão – alienação, violência, desesperança – que se encontram nos contos de José Cardoso Pires e Rubem Fonseca.

Encerra a seção um divertido texto de Ernesto Rodrigues, da Universidade de Lisboa, sobre as charadas, os enigmas e os logogrifos – passatempos de papel – de dois almanaques do século XIX: o *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o Anno de 1891* e o *Almanach Litterario e Charadistico para 1881*.

Em “Literaturas Africanas”, José Luís Fornos da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, enfatiza a tese do hibridismo cultural como demarcação crítica às identidades localizadas a partir do nacionalismo étnico-racial, ao examinar contos do livro *Cada homem é uma raça* (1990), de Mia Couto. Miriam Denise Kelm, da Universidade Federal do Pampa, discute o desenvolvimento da literatura africana de expressão portuguesa ao longo das quatro últimas décadas, desde Uanhenga Xitu até a produção atual de escritores como Ondjaki, Paulina Chiziane, Mia Couto e João Melo.

“Entrevistas e Documentos” reúne poemas de Fernando Paixão, autor português de nascimento, que vive no Brasil, e de Fernando Guerreiro, aos se junta a entrevista realizada por Maria do Socorro Carvalho, da Universidade Estadual da Bahia, com o cineasta Carlos Gerbase sobre *Menos que nada*, de 2011.

Ao final, os livros recenseados transitam entre o Brasil e Portugal: *Coração andarilho*, volume de memórias da ex-Presidente da Academia Brasileira de Letras, Nélida Piñon; *E se Obama fosse africano?* e outras interinvenções do moçambicano Mia Couto, autor de grande receptividade no Brasil, e o livro mais recente de Ana Maria Machado, consagrada escritora brasileira que reflete sobre livros e práticas de leitura, nessa *Silenciosa algazarra*.

Resta ao leitor ler, julgar e discutir as fronteiras luso-brasileiras expostas neste volume de *Navegações*.

ENRIQUE RODRIGUES-MOURA
Editor convidado